



---

# ARTIGOS

---

*Confissões  
de um músico  
no  
Jardim de Infância*

---

Pedro Filipe CUNHA

---

Meloteca 2008

---

**Pedro Filipe Cunha**

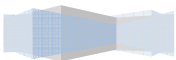
Instituto Orff do Porto

Esta comunicação é partilhada como artigo de opinião e tem como objecto uma reflexão sobre o papel do professor de música especialista no Jardim de Infância. É uma abordagem pessoal de um percurso profissional pelo que é pontualmente fundamentada. Que papel pode ter o jogo e o humor na Expressão Musical? Que sinergias podem existir entre a Educadora de Infância e o professor especialista de música? Que atitude deve ter este professor no JI? O que importa construir musicalmente com as criança e o seu grupo de pares?

**UM INÍCIO**

Quando há 14 anos terminei o Serviço Militar Obrigatório, desejei de imediato leccionar música. Não Educação Musical, simplesmente música. Fosse a crianças novas, fosse a adolescentes. Nessa data fui admitido num colégio que contempla o 1º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Pré-Escolar. Não receando o ensino da música no ensino genérico, em particular as crianças entre os 6 e os 9 anos de idade, qual não foi o meu espanto quando me informaram dos três grupos do JI que eu teria a partir daquele momento. A minha primeira reacção foi de algum receio face a um desafio pedagógico tão desconhecido para mim. Aos 21 anos estava perante uma experiente e valiosa educadora confidenciando-lhe o meu total desconhecimento pedagógico com crianças tão pequenas. Eram crianças da sala dos 3 anos. A mesma educadora tentou descansar-me: “Não se preocupe, Pedro, vai correr tudo bem!”

Estavam 29 crianças sentadas em roda à espera do Professor de Música. Confesso que tive na altura dois sentimentos bem díspares: um de expectativa e conseqüente receio por não estar à altura de um grupo tão numeroso e inspirador de respeito. A outra sensação foi de prazer e honra em ser chamado pela primeira vez Professor. Repeti em surdina à educadora de infância “Não sei o que fazer com eles...”. Depois da minha apresentação pela educadora, olhei à volta e reparei num piano antigo, daqueles que ainda ostentam dois candelabros. Coisa enorme para uma criança, não? Dirigi-me precisamente para esse objecto que foi sempre, curiosamente, o meu confidente musical e que tem acompanhado desde sempre a minha vida. Comecei simplesmente a tocar, improvisando harmonias, executando simples melodias, tentando provocar aquele grupo silencioso e expectante com sequências rítmicas organizadas mas também desorganizadas. Uma criança começou a chorar, duas ou três foram atrás. Contudo, a maioria do grupo pareceu reagir bem quando me sentei e toquei piano. Reparei numa criança particularmente interessada na minha música, quando sorriu para mim enquanto se moveu como que a



dançar. Com o meu dedo indicador no ar e em silêncio, aponte para ela dobrando e desdobrando sistematicamente. Ela veio. Sentei-a na minha perna e com os seus dedos indicadores percuti algumas teclas do piano e fiz com que praticasse música comigo. Algumas crianças continuaram a chorar, outras deixaram-se ir na magia daquele monstro negro cheio de botões pretos e brancos. Cedo descobriram que este poderia ser facilmente uma espécie de príncipe ou Belo-Monstro e fizeram-se amigos, levantando paulatinamente os seus dedos para se deslocarem ao piano. O primeiro desafio estava ultrapassado.

Com o passar do tempo, fomos introduzindo novos conteúdos e estratégias. Iniciámos a construção de pequenas canções de mimar, jogos de movimento, de imitação gestual e corporal.

### UMA ESTRATÉGIA

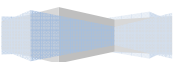
Neste processo introdutório houve dois denominadores comuns: a presença da música e o humor. De facto, quando propunha às crianças as primeiras canções, notava, por vezes, alguma indiferença por parte do grupo de pares. Contudo, se experimentasse alguns anagramas de palavras como trocas silábicas e antónimos, sentia-se no grupo um despertar de interesse e expectativa à volta destes jogos gramaticais. Do ponto de vista corporal, experimentámos brincar com o nosso corpo quando elas cantavam com mais energia, como esticar o cabelo. Quando entoávamos uma melodia, experimentámos também explorar várias expressões faciais como admiração, gozo, ira, sono, alegria, tristeza.

Estas estratégias podem constituir um meio para atingir diferentes fins. Podem apoiar-se na construção de várias canções de mimar, na sonorização de histórias dramatizadas, na elaboração de uma dança elementar. No fim de cada actividade confesso que desejava escutar um *Outra vez...* em vez de um *Outra vez?...*

Há também um elemento não menos importante inerente àqueles factores: o jogo. O jogo, ou de um modo mais lato, o brincar, torna-se uma palavra fulcral no espaço do JI. É o trabalho das crianças, é a sua forma de interpretar o mundo adulto e/ou das crianças, levando-a tão a sério quanto nós no nosso trabalho. Como refere Manuel Sarmento, “contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério (Sarmento, 2004, p.25)”.

Como funciona o “brincar” na aula de Expressão Musical no JI? Serão os jogos musicais um “adubo” suplementar nas crianças que evidenciam mais dificuldades em fazer amigos, ou a postura face a esses jogos são apenas uma consequência de um determinado comportamento? Pode a criança apre(e)nder música mediante jogos musicais sem o saber?

Manuela Ferreira acredita que grande parte das brincadeiras e jogos das crianças requer e implica o envolvimento mútuo (Ferreira, 2004, p.88). De facto, muitos jogos musicais são mais exequíveis quando participam bastantes crianças. Numa perspectiva de interacção com os seus pares, o jogo, a brincadeira,



são uma oportunidade para se fazer e encontrar amigos (Ferreira, 2004, p. 94). Eu complementar a música com toda a sua interactividade cultiva o acto de fazer e encontrar amigos.

### UMA CONFISSÃO

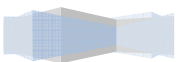
No final do percurso de um Jardim de Infância, fui uma vez abordado por um encarregado de educação que me confidenciou: “O professor tem consciência que o meu filho aprendeu e fez música com os seus jogos?” Respondi-lhe afirmativamente, agradecendo a comentário e procurei explicar que as crianças encaram os jogos com muita seriedade e um jogo musical não deixa de ser um jogo.

Do nosso lado, o dos adultos, há um aspecto que deve estar subjacente na relação com todas as crianças, em especial o seu grupo com quem lida diariamente: o afecto. Esta palavra tem sido muito defendida pela educadora de infância que me recebeu no início da minha actividade pedagógico-musical. Julgo que com esta prática, que deve ser intrínseca em cada um de nós, as crianças são mais dóceis, mais susceptíveis de crescerem equilibradamente...

Referi estas acções na primeira pessoa do plural. A Expressão Musical, termo mais adequado para a música no Jardim de Infância, deve ser elaborada, construída e concretizada pela equipa Professor especialista/ Educadora de Infância / Auxiliar de Acção Educativa, não fazendo muito sentido o trabalho unilateral desenvolvido por um professor de música e desarticulado do projecto que a educadora de infância se encontra a desenvolver.

Voltando à minha odisseia pedagógico-musical, descobri com esta experiência de 14 anos que estas crianças são muito exigentes. Não podemos simplesmente “dar” música no Jardim de Infância. Os desafios a que tenho sido convidado nos últimos anos, atravessando contextos sócio-económicos tão díspares e impressionantes, levam-me, todavia, a concluir que as crianças têm necessidades semelhantes.

Para um músico-professor ou professor de música estes factos são sempre desafiantes e enriquecedores. Um professor especialista experimenta escolas onde não existe qualquer recurso para a sua actividade, como um simples leitor de música. Como referia o pedagogo Mário Azevedo, funcionamos como que um músico-ambulante que saltita de escola em escola. São colégios particulares, escolas públicas regidas pelo Ministério da Educação, Jardins de Infância tutelados pelas Juntas de Freguesia.



## **UMA REFLEXÃO**

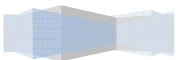
Tenho sido cada vez mais confrontado com novos colegas de profissão que me confessam não saber o que fazer musicalmente com este nível de ensino. E todos sabemos da gradual importância que o Jardim de Infância espelha, dada a sua relevância no crescimento da criança. A dificuldade pedagógica nos professores especialistas existe porque a formação existente é apenas contínua e pontual salvo algumas exceções.

Referi este ponto no último CIANEI (Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância) de 2005, mas a sua importância é tão relevante que vale a pena reiterá-lo. Seria importante investir mais na Música na Formação Inicial de Educadoras(es) de Infância. Não na conceptualização de conteúdos que pouco ou nada servem para a sua partilha de ideias dentro da sala, mas de estratégias simples, atractivas e exequíveis que lhes permitam fazer e transmitir música com as suas crianças. Reforçando esta ideia, não se pretende que façamos das educadoras pianistas ou guitarristas nem que saibam desenhar a clave de sol e o valor das figuras rítmicas. Há interesse, sim, em conhecer mais repertório musical para a infância, há interesse em explorar novos jogos musicais junto das crianças. Há interesse em desenvolver danças organizadas junto das crianças. Há interesse musical em aproveitar a presença e mesmo modismo das novas tecnologias. Desejamos que a criança faça música, se sinta bem consigo mesma e que cresça da forma o mais harmoniosa possível. Desejamos que exista um “lucro pedagógico” do grupo de pares. Queremos que a criança adquira competências sonoro-musicais subjacentes à sua faixa etária.

E hoje tenho o prazer de confidenciar estes segredos até agora tão bem guardados. Não posso deixar de sublinhar que parte da minha formação pedagógica aconteceu com a mestria de educadoras de infância optimistas quando nós próprios colocamos em causa a nossa competência. Também não posso esquecer o exercício sistemático de criatividade das educadoras de infância, que por muitos não é devidamente reconhecida e muito menos compensada.

## **BIBLIOGRAFIA**

FERREIRA, Manuela (2004): “Do “Averso” do brincar ou... as relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituinte(s) das Crianças no Jardim-de-Infância” In: SARMENTO, Manuel J. & CERISARA, Ana B., *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*, Asa, pp.55 – 104.



SARMENTO, Manuel Jacinto (2004): "As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade" In: SARMENTO, Manuel J. & CERISARA, Ana B., *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*, Asa, pp.9 – 34.

Pedro Filipe Cunha

Meloteca 2008

## **CAPA**

Pormenor de *Música Espanhola*, de Pablo Picasso

